IMAGINÁRIO DA II SECÇÃO

Uma figura alta e imponente sobressaía entre o Povo da Floresta, trajava uma capa verde, feita de folhas de carvalho e, nas mãos, o seu bastão de feiticeiro, feito com um ramo grosso de freixo que terminava com a forma de uma cabeça de veado, esculpida em madeira de figueira. Na cabeça, trazia um gigantesco elmo onde sobressaíam dois chifres de carneiro das montanhas rochosas, conferindo-lhe a majestosidade própria de quem vem de longínquas eras. Seu nome era Iacobus, o Wurdu, o Guardião do Povo da Floresta, um dos dois portadores do Búzio da Vida, o segundo da nobre linhagem dos Guardiões, que tinham como missão proteger o Sopro de Vida e as Primeiras Sementes que vinham desde os primeiros dias da Criação.

Um som gigantesco, semelhante ao ribombar de um trovão, ecoou pela floresta. Era o som de mil tambores a convocar o Povo. Pouco depois, outro som começou a surgir por entre a copa das árvores, misturando-se com os tambores, pois Iacobus havia soprado o Chifre de Kudu, um dos maiores e belos antílopes da Savana Africana, a convocar os Viongozi, os líderes, aqueles que faziam a diferença, aqueles em quem todos confiavam por conseguirem unir e extrair de cada um o melhor de si mesmo em prol de um objetivo comum. Ele era Iacobus, o Wurdu, e os Viongozi eram os seus mais fiéis guerreiros que tinham à sua espera uma nova missão.

Por entre as brumas, os Viongozi começaram a surgir convergindo para a arena e atrás deles vinha o Povo da Floresta, altivo, com pinturas guerreiras na face, com mantos sobre os ombros a esvoaçar ao vento, de sorriso nos lábios e a alma inflamada de alegria. Vinham de cantos diferentes do campo, mas faziam todos parte do mesmo povo, unidos pelo mesmo Sol, pela mesma vontade e destinados a partir rumo a uma nova missão.

Quando os tambores se calaram, Iacobus subiu à Mwamba, a Rocha, e falou ao seu povo. Falou-lhes da vida, dos perigos que um mundo sem cor enfrentava, da nobreza do desafio que lhes queria apresentar, de como teriam de ir buscar forças ao fundo de si mesmos para ultrapassarem mais aquele desafio, não pela conquista, mas pelo simples prazer de o realizar. E falou-lhes de Alexandre, o Grande, dos seus feitos e conquistas e de como, com um simples gesto, soubera

cativar todo um povo: "No Outono de 325 a.C., Alexandre atravessava com os seus guerreiros um dos mais inóspitos desertos da Terra e nesta travessia ficaram sem água. Preocupados com o seu líder, os guerreiros demonstraram a sua lealdade e preocupação juntando a pouca água que lhes restava e ofereceram-na ao Rei. Ao receber tal demonstração de respeito e admiração, Alexandre tomou a decisão certa e, diante de seu exército, derramou na areia do deserto toda a água que lhe fora oferecida. Com este gesto, deu aos seus guerreiros um motivo para lutar, a força necessária para que conseguissem sobreviver, pois enquanto houvesse algo por que lutar, até a maior derrota se podia transformar na maior vitória. Quando completou a travessia do deserto, desembainhou a espada e o colar que usava ao pescoço e retirou-lhes todas as pedras preciosas que nela estavam cravadas:

- Rubi, vermelho como o sangue;

- Safira, de cor azul escura que, juntamente com a cor violeta, pinta as noites límpidas;

- Ametista, de cor lilás/violeta que pinta as noites relaxantes e reluzentes;

- Esmeralda, da cor da floresta e da cor da esperança;

- Topázio, reluzente como o sol e as estrelas;

- Água marinha, de um azul puro e cristalino como a água;

- Quartzo, translúcido como os nossos valores.

As pedras foram arrancadas e lançadas ao vento como oferenda aos seus deuses, pois acreditava que eles lhe tinham dado a sabedoria e a sensatez necessárias para ultrapassar aquele desafio. Teria pela frente outros desafios para enfrentar e novas joias para conquistar.

Do alto da Mwamba, Iacobus, o Wurdu, o Guardião do Povo da Floresta, olhou o povo que o escutava serenamente, com olhar atento e crente. Aquele era o seu momento e com um gesto convocou os seus Viongozi para uma nova missão: fazerem como Alexandre, o Grande, e acreditarem que mesmo quando tudo parece perdido é possível alcançar feitos incríveis e tocar o Céu. Só eles iriam conseguir saber fazer, uma vez que possuíam a capacidade de agregar, acreditar e mudar.

Partiram assim em missão com o objetivo de construir um mundo melhor, um mundo onde a cor voltasse a colorir os sonhos do Homem. Para isso, teriam de

encontrar as 7 pedras preciosas que Alexandre, O Grande, conquistara e usara no colar que trazia ao pescoço. Diziam os Antigos que a beleza e cor daquelas pedras eram inigualáveis e tinham o poder de dar cor a tudo o que tocavam. Iacobus, descobrira o paradeiro dessas pedras, mas escondera-as e para que alguém as encontrasse teriam de aprender a ultrapassar os obstáculos e desafios impensáveis que ele criara e que iriam pôr à prova toda a sua sabedoria e destreza. No final, quando a hora de partir chegasse, iriam mais ricos, diferentes, mas mais completos e certamente mais felizes por terem superado todas as dificuldades que os Trilhos da Vida lhes tinham colocado.